SÍNDROME DE ASPERGER E OS DESAFIOS NA APRENDIZAGEM

BIANCA DOS SANTOS MONTEIRO

RESUMO

Este estudo visa compreender a realidade atual sobre as adaptações necessárias à aprendizagem de alunos com Síndrome de Asperger. Estas especificidades requerem entendimento amplo sobre a síndrome. Esse trabalho tem como objetivo identificar procedimentos pedagógicos e psicopedagógicos adotados para trabalhar com crianças com a síndrome, por meio do referencial teórico do estudo e das definições sobre o mesmo. Com o propósito de subsidiar o desenvolvimento destas crianças nas escolas, e ainda a necessidade de se pensar a verdadeira evolução que começa a ocorrer em todo o contexto educacional. A inclusão dos alunos com deficiências é um direito constitucional e passa a ser uma tarefa essencial nos novos rumos educacionais. É um tema bastante discutido, porém pouco esclarecido no que se refere à formação do professor, que muitas vezes se depara com a situação de um aluno com deficiência em sala de aula, em um ambiente pouco favorecido. Percebe-se que o atendimento escolar aos alunos com Síndrome ainda percorre um caminho incerto, onde os professores e escolas não estão despreparados. Com a revisão literária realizada foi possível concluir a importância do conhecimento sobre a síndrome para que seja feito um trabalho efetivo e significativo, além do papel essencial tanto da equipe multidisciplinar quanto dos pais/responsáveis.

Palavras-chave: Síndrome de Asperger. Desafios. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos a aprendizagem foi um fator inibidor para portadores da síndrome de Asperger. Entretanto, a história demostra que existiram grandes nomes, tanto na música quanto na ciência, que produziram obras de grande expressão internacional. Albert Einstein e Beethoven são exemplos de portadores deste espectro do autismo em níveis diferentes.

A teoria histórico cultural de Lev Vygotsky, que trata do desenvolvimento da mente humana, indica que a situação educacional atual impede alunos com necessidades especiais de se desenvolverem em sua totalidade diante de posturas preconceituosas sobre a sua capacidade cognitiva. Dado que a educação inclusiva tem por objetivo propiciar ao educando oportunidades educacionais e sociais dentro de um ambiente coeso para seu pleno desenvolvimento, esta é uma abordagem adequada ao ensino de alunos portadores da síndrome.

O espectro do autismo não é somente uma relação neuropsiquiátrica. É também a que mais tem gerado interesse de estudos por profissionais das mais diversas áreas da saúde infantil (SCHWARTZMAN, 1995).

Devido às características da Síndrome de Asperger, o educador deve identificar tanto de forma geral como individual as peculiaridades do aluno para que não haja sua exclusão no âmbito escolar.

Sendo assim, o referido tema é de extrema relevância para a educação desses alunos, ajudando-os também a superar obstáculos durante a vida escolar. Isto significa uma maior independência na vida adulta

É sabido que a educação é um direito de todos assegurado por lei que perpassa pela diversidade como um de seus princípios. Nesse contexto, percebe-se a emergência de paradigmas de inclusão social e emancipação, que superem práticas e posturas retrógradas.

Assim, devem-se garantir os direitos humanos e sociais de todos os cidadãos, respeitando-se suas diferenças e peculiaridades, independentemente de qualquer restrição imposta socialmente. Uma sociedade inclusiva é aquela que reconhece, respeita e responde à diversidade humana. Nesta perspectiva é que se faz o questionamento: Como auxiliar e desenvolver a aprendizagem do aluno com Síndrome de Asperger? Este tem sido um dos grandes impasses das escolas.

Trabalhar com a diversidade é um grande desafio!

HISTÓRIA DA SÍNDROME DE ASPERGER

A síndrome de Asperger é um subgrupo do autismo clássico. O nome da síndrome é uma referência a Hans Asperger, que escreveu “Authistic Physicopathy”

“in Childhood” (1991), tese que descreve os sintomas da síndrome como atualmente é identificada pelos seus especialistas.

Outra abordagem foi adotada por Leo Kanner que associava os sintomas da síndrome à esquizofrenia em seu artigo “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (1997) que caracterizava as obsessividades estereotipadas e ecolalia por autismo extremo.

As pesquisas de Kanner tiveram por amostragem que somente 11% possuíam resultados de independência e vida social. Já as pesquisas realizadas por Hans Asperger mostram indivíduos bem sucedidos como matemáticos químicos, entre outros.

A questão do alheamento do autismo é de suma importância para a compreensão da síndrome, remontando a própria origem do termo.

Influenciado pela psicanálise e pela psicologia associacionista, Eugen Bleuler (1985) relaciona o termo autismo ao conceito de afastamento da realidade com predominância da vida anterior.

A psiquiatra inglesa Lorna Wing tem em 1981 sua filha diagnosticada com autismo e desde então passa a aprofundar-se nos estudos da síndrome e encontra traços da personalidade da sua filha nas pesquisas realizadas por Hans Asperger. Inicia então um estudo sobre o espectro do autismo, denominada Síndrome de Asperger (SA). Ela também relata que os portadores de SA possuem boa gramática e vocabulário.

De acordo com Vygotsky (1997, p.244), “há potencialidade e capacidade nas pessoas com deficiência, mas entende que, para estas poderem desenvolvê-las, devem ser lhes oferecidas condições materiais e instrumentais adequadas”. Com isso, deve-se oferecer a tais pessoas uma educação que lhes oportunize a apropriação da cultura histórica e socialmente construída, para melhores possibilidades de desenvolvimento.

Segundo o artigo 59 da LDB de 1996, torna-se importante o preparo do profissional com pleno conhecimento técnico, e recursos educativos. Porém, na prática não há um cumprimento da lei, quando escolas da rede pública e privadas não contam com recursos educativos.

O educador deve oferecer diversas formas didáticas e pedagógicas diferenciadas, como atividades que a criança sinta o desejo de pensar e desenvolver. Isto significa que ela pode não apresentar predisposição para gostar de uma disciplina e ou atividade e por isso não se interessa por ela e até mesmo achar tediosa, mas considerando sempre que a infância é a idade das brincadeiras e acredita-se que por meio delas ela se satisfaz na realização de seus interesses, desejos e necessidades e o conhecimento de mundo em si. A arte teatral pose se caracterizar como um exemplo deste ponto, como define os PCNS:

Conforme salientam os PCNs, cabe à escola dar continuidade à potencialidade dos alunos em relação à arte teatral, uma vez que: o teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (BRASIL, 1998, p. 57).

Ou seja, a linguagem é aliada aos movimentos expressados pela criança o tempo todo, o que leva o educador a se pautar e explorar nesta concepção avaliando, mediando, desenvolvendo novas perspectivas do ponto de vista da comunicação, e o teatro não só reforça como auxilia no desenvolvimento, uma vez que a oralidade é essencial.

Entende-se que a educação básica objetiva propiciar a formação necessária ao desenvolvimento das aptidões, das potencialidades e da personalidade do educando. O acesso à educação é uma das formas de realização concreta do ideal democrático a todos os segmentos sociais, independente de raça, crença, política, religião e afins.

Nesse contexto faz-se necessário maior investimento em práticas que a criança se sinta motivada a aprender e a conviver neste espaço tão temido por muitos, porém necessário.

Olhar aguçado pela sensibilidade, pela emoção, pela afetividade, pela imaginação, pela reflexão, pela crítica. Olhar que indaga, rompe, quebra a linearidade, ousa, inverte a ordem, desafia a lógica, brinca, encontra incoerências e divergências, estranha, admira e se surpreende, para então estabelecer novas formas de ver o mundo (BRASIL, 2007, p. 51).

Cabe às instituições educacionais conscientizar, e ter em seu quadro funcional de professores preparados e conscientes sobre a importância de formações contínuas e que os prepare para lidar com essa nova clientela. Onde eles reavaliarão suas práticas buscando renovar seus conhecimentos e suas competências pedagógicas na busca de novas estratégias para desenvolver um trabalho onde sejam levadas em conta as necessidades das crianças tanto no aspecto cognitivo, como social e afetivo no processo de ensino aprendizagem.

O professor encontra dificuldade não só em mediar o conhecimento para os alunos, mas também com a falta de preparo da própria instituição de ensino que não dá conta de recursos físicos e didáticos que visam atender as necessidades desses alunos. Segundo Braga (2007).

Para melhor compreender a criança com necessidades educacionais especiais decorrentes de deficiência sensorial, física e mental, com impedimento em suas funções de interação com o meio, é necessário estabelecer um paralelo com o desenvolvimento da criança normal. Dessa forma, o educador poderá analisar e identificar as situações que oferecem experiências que promovem oportunidades iguais para o desenvolvimento de suas potencialidades. (BRAGA, 2007 p.31)

Braga afirma que a compreensão do desenvolvimento humano e a integração entre as áreas motora, perceptiva, cognitiva, da linguagem, social e emocional, que estão divididas apenas didaticamente, é uma das metas impostas ao educador. Um dos objetivos da disciplina é possibilitar maneiras de investigar e descrever o comportamento dos alunos, identificarem fatores de risco e formas de atuação direcionadas a promover o desenvolvimento.

DEFINIÇÃO

"Autismo e síndrome de Asperger são entidades diagnósticas em uma família de transtornos de neurodesenvolvimento nos quais ocorre uma ruptura nos processos fundamentais de socialização, comunicação e aprendizado" (KLIN, 2006)

Pessoas com Síndrome de Asperger apresentam alguns sintomas semelhantes aos do Autismo, porém possuem elevadas habilidades cognitivas apresentando Q.I normais ou superiores à média, além de funções de linguagem normais em comparação às outras desordens do espectro do autismo (TEIXEIRA, 2005)

A Síndrome de Asperger, assim como outros Transtornos Invasivos de Desenvolvimento (TID) podem ser originados por diversos fatores com alto grau de herdabilidade. Causas ambientais também podem interferir, pois há interações entre genes no desenvolvimento da síndrome. Diversos fatores de risco são apontados durante o período gestacional como hipotireoidismo materno, ingestão de álcool durante a gestação, bem como a ingestão de alguns medicamentos em crianças pequenas (SILVA; MULICK, 2009).

Estudos realizados por Hans Asperger sugerem que SA é mais comum que o autismo clássico. Enquanto o autismo tem sido encontrado na taxa de 4 a cada 10.000 crianças, avalia-se que a Síndrome de Asperger esteja na faixa de 20 a 25 por 10.000 (Asperger, 1944).

Há vários atributos característicos dos portadores da Síndrome de Asperger, tais como: atraso na fala, ecolalia e pouca dicção; interesses restritos: optam por um único assunto, sendo foco de atenção por longos períodos; hábito de apegar-se mais às questões factuais do que ao significado; apresentação de aptidões incomuns como cálculos de calendário, memorização de grandes sequências numéricas, mapas de cidades ou cálculos matemáticos complexos; incapacidade para interpretar mentiras, metáforas, ironias e frases com duplo sentido; problemas no uso do olhar, nas expressões faciais, nos gestos e nos movimentos corporais como comunicação não verbal; ausência de autocensura: geralmente não pondera o que fala; dificuldade de adaptação às mudanças; retardo no desenvolvimento motor e repetidos problemas de coordenação motora; hipersensibilidade no paladar, audição, olfato e visão; por fim, dificuldades na execução e organização de tarefas cotidianas.

Hans Asperger mencionou crianças que apresentavam um distúrbio fundamental nas funções expressivas, não apresentando atributos físicos diferenciados. Para ele, o distúrbio provocava sérias dificuldades de sociabilidade. Esses problemas poderiam ser tão profundos que prejudicariam o processo de desenvolvimento da criança. Por outro lado, em casos de distúrbios mais brandos, os problemas de relacionamento social seriam compensados pelo alto nível de originalidade de seu pensamento (ORRÚ, 2012).

A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E A INTERVENÇÃO.

É importante investigar a natureza da dificuldade, pois esta pode ser atribuída à dificuldade de atenção a objetos e ideias, de reter informações na memória em curto prazo, de transferir informações da memória de curto para longo prazo, de usar estratégia para recuperar informações armazenadas. Um dos fatores que influencia a memória é a capacidade de prestar atenção.

Por demandar um diagnóstico e tratamento muito específico, sem peculiaridades a família e sujeito geralmente sofrem um enorme desgaste psicológico e também financeiro. É sabido que a dislexia não é tratada com remédio, somente através de intervenção com profissional especializado, como fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo, etc.

Existem caminhos que os possibilitam a um tratamento com especialistas e a inserção e o desenvolvimento com um olhar mais específico, atividades que o beneficiam, ou seja, as diversas linguagens como comunicação é de fundamental importância, funcionando até mesmo num processo de interação e socialização, trazendo com a realidade da criança neste tempo o mesmo começa a se comunicar e desenvolver-se com o outro. E desta maneira busca a sua identidade relacionando o que aprende com o que já conhecia, e essa múltiplas linguagens acrescenta na criança e também no educador que tem como proposta o desenvolvimento da criança e as linguagens corporais e movimentais estas crianças na escola pode se mitigar este transtorno.

No sentido de processo de aprendizagem numa visão mais avançada será mais agradável e promissor, auxiliando os aspectos do desenvolvimento da criança, e ainda é um recurso pedagógico que necessita estar mais presente na educação para este universo “diferenciado”. O professor terá sua ação voltada como facilitador durante o processo com o enriquecimento das atividades propostas, o que tornará as aulas mais atraentes facilitando assim a exploração de diversos conteúdo. Esta influência na interação tem grande relevância por despertar percepções diversas ocupando um espaço importante na aprendizagem o que possibilita a instigar a memória e a atenção.

O atendimento dos alunos com deficiência, em suma, deve ocorrer de forma global que favoreça o bem estar e acima de tudo o desenvolvimento do aluno como garante as leis, por mais inconstante que seja a frequência destes alunos, pois há um grande índice de faltas na escola, muito se deve ao fato do ambiente não ser apropriado e ou adaptado para uma determinada deficiência, há também a questão do professor em função do espaço e da didática e estratégias utilizadas e aí vai ao encontro com a sua formação, com o seu preparo, diante de tal constatação se deve perceber quão importante é no desenvolvimento e progresso do aluno que mesmo com suas limitações progride de forma efetiva, não quanto os demais alunos, mas dentro de suas limitações.

Acredita-se que por falta de políticas educativas direcionadas para esta problemática, dificilmente alunos da rede pública que possuem esse transtorno são diagnosticados e diversas vezes a falta de informação sobre o transtorno faz com que a criança com esta síndrome seja vista como preguiçosa, desatenta, não se esforça e, consequentemente, tratada como incapaz.

Percebe se que as intervenções devem partir do princípio das necessidades da criança uma vez que todo o planejamento escolar já esteja pronto visando sempre a segurança da criança, na perspectiva do expressar sentimentos e seus conflitos, o que gera uma troca de experiências saudável para que ela resolva suas angustias, aflições, e adquira também novos conhecimentos sobre as emoções.

Diante desta realidade e deste público crescente tanto em espaços educacionais públicos e privados essa “diversidade” há uma ambiguidade quando se discutem as justificativas para que as crianças com este “perfil” recorrem às escolas na atualidade fazendo análise em relação a tempos antigos em que muitos pais não deixavam que seus filhos aparecessem perante a sociedade por vergonha. Hoje se vive uma realidade diferente onde a busca de conhecimento de interação, participação se faz presente e nessa ideia faz jus que eles encontrem no professor um grande aliado precisa estar preparado para as estratégias que vai além da escrita e da leitura.

Nesse contexto, pode-se enfatizar que a rede escolar precisa estar preparada para oferecer e respeitar as condições peculiares de cada uma delas. Assim, não basta somente estar com as portas abertas para receber qualquer criança, pois estaria nestas condições ampliando as diferenças e promovendo a desigualdade.

Muitas considerações sobre a educação inclusiva recaem no embate e no binômio inclusão e exclusão, propondo alterações nas políticas públicas e sociais e caracterizando valores éticos e morais no âmbito das tecnologias, na circulação de informações e nas possibilidades de melhorias de vida.

Percebe se que as intervenções devem partir do princípio das necessidades da criança uma vez que todo o planejamento escolar já esteja pronto visando sempre à segurança da criança, na perspectiva do expressar sentimentos e seus conflitos o que gera uma troca de experiências saudável para que ela resolva suas angustias, aflições, e adquira também novos conhecimentos sobre as emoções.

Nesse sentido, a trajetória histórica da inclusão, que tinha como paradigmas a deficiência e a segregação como as melhores opções, ressalta a necessidade constante de debates e propostas que superem concepções retrógradas, que nada agregam a uma proposta democrática de educação.

O PROFESSOR, A FORMAÇÃO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

As escolas precisam se adequar em todos os âmbitos, para atender as mais variadas formas de diversidade. Afinal, são várias as culturas presentes nas sociedades e, consequentemente, nas instituições escolares, capazes de propiciar trocas de experiências e vivências que só tendem a enriquecer o currículo escolar e as propostas de ensino em todos os níveis.

Partindo de uma realidade educacional o professor é a pessoa mais próxima do aluno e diante de tal fato é necessário ficar atento a todo e qualquer comportamento do aluno na perspectiva de distinguir e observar, objetivando diferenciar de uma indisciplina e com isso encaminhá-lo a um atendimento especializado.

As práticas pedagógicas precisam ampliar as experiências dos alunos e apresentar-lhes informações diversificadas, explorar atividades lúdicas para instigar a curiosidade, facilitar a compreensão e, dessa forma, promover seu pleno desenvolvimento e ao mesmo tempo incutir-lhes sentimentos de amor e respeito ao próximo. Nesse sentido, Perrenoud (2000) propõe que os professores devam:

(...) dominar os saberes a ser ensinado, ser capazes de dar aulas, de administrar turmas e de avaliar. (...) o ofício do professor consiste também, por exemplos, em administrar a progressão das aprendizagens, ou em envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho. (PERRENOUD, 2000 p. 13)

Tendo como aliado um ambiente propício que promova situações que desperte o sentimento do aprender a criança tem mais possibilidades e isso ocorre desde o início dos tempos da escolarização, pois assim a criança estabelece um processo de comunicação, e a sua linguagem deixará de ser somente consigo, mas com todos ao seu redor criando relações sociais e construindo saberes em sua integralidade.

Os professores têm recebido orientações básicas durante o curso de graduação para poderem fazer um trabalho de inclusão que deveria ir além de apenas receber um aluno com deficiência intelectual em sala de aula, mas que não é suficiente, precisando buscar mais informações em cursos extras. Na verdade, percebe se que o atendimento escolar aos alunos com deficiência ainda percorre um caminho incerto, onde os professores e escolas não estão capacitados e despreparados.

O diferencial no “atendimento” destas crianças em aprendizagem está em atendê-lo, e serem fundamentais na vida dos mesmos de forma global. O professor neste âmbito necessita se aprimorar, conhecer, preparar e amar para que possa desempenhar um papel significativo na vida do aluno em específico, pois o aluno com deficiência requer uma atenção maior e diferenciada, para o professor fazer atender esta demanda dentro das leis será necessário apoio e respaldo da equipe gestora para que se obtenha um resultado positivo.

O atendimento dos alunos com deficiência espera se que ocorra de maneira integral, sempre na visão de que o aluno é o principal favorecido e ainda que não seja somente analisado sob o ponto de vista que um aluno na escola regular não possa participar das aulas, o que precisa nessa condição é o professor adaptar os conteúdos de forma que o aluno participe e desenvolva isto no que se refere a um atendimento de alunos com deficiência em que não limitam psicologicamente o desenvolvimento cognitivo e para isto a formação do professor é condição de maior importância no alcance dos objetivos que é a aprendizagem e um atendimento prioritário no resgate da socialização e integração na sociedade como individuo ativo.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

O indivíduo com a síndrome de Asperger tem a comunicação verbal dificultosa, o que o torna uma das situações de indissociabilidade e com isso o rendimento escolar é baixo. Mesmo que a maioria dele apresente QI avançados, já que pesquisas apontam alta capacidade cognitiva.

Durante a escola elementar, são comuns as crianças com SA não serem corretamente diagnosticadas. Em várias situações serão avaliadas como hiperativas, ausentes ou imaturas, podendo haver uma educação especial ser sugerida. É comum que nesta fase haja sucesso no aprendizado e um desempenho escolar normal, especialmente nas habilidades de leitura e matemática, embora com limitações em atividades motoras como o uso do lápis. Diversos fatores podem afetar este processo, como grau de inteligência da criança, posicionamento da escola, acompanhamento doméstico ou temperamento da criança (BAUER, 2009).

Os desafios da sala de aula ainda há muito que superar e avançar em relação ao trabalho com estes alunos a serem desenvolvidos, pois é pautado na concepção de que haja integração, interação, socialização do aluno com o outro e com o professor e com o ambiente à sua volta, pois subtende-se que esse é um dos primeiros desafios não só para o professor, principalmente para o aluno que chega a um espaço que muitas vezes não é ou não está adequado para atender em suas necessidades e nessa perspectiva que a mudança é necessária para que o desenvolvimento e as dificuldades sejam superados, entende ser que para que ocorra de forma significativa e legitima é importante ressaltar que o aluno aprende em todas e quaisquer circunstâncias em que são possibilitadas.

A postura do profissional ao executar as atividades deve ser insistente na intenção de evitar que as crianças persistam em comportamentos inadequados.

O prazer proporcionado pelas atividades lúdicas contribui para um maior envolvimento das crianças Uma das razões do sucesso desta abordagem é possibilitar a redução do déficit motor geral e fino das crianças, como, por exemplo, no uso da escrita (OLIVEIRA et al., 2012).

O educador nesta concepção deve oferecer diversas formas didáticas e pedagógicas, propostas e atividades para que a criança sinta o desejo de pensar e desenvolver, isto significa que ela pode não apresentar predisposição, principalmente com o diagnóstico já definido, para gostar de uma ou outra atividade, porém cabe o educador transformar essa atividade de forma que possa interessar e considerar sempre que a infância / criança é a idade em que o contexto, o cotidiano faz parte do universo daquilo que se acredita, e diante desta constatação a necessidade de programar as atividades com a intenção do que possa representar não só o desenvolvimento da criança como os favoreça nesta fase de aprendizado.

CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse novo papel da escola, é imprescindível a elaboração de um planejamento que se proponha a assegurar a qualidade da educação para todos, tendo em vista as condições pedagógicas e a infraestrutura da escola.

Nota-se a extrema importância que há na modificação de alguns paradigmas educacionais, já que educação é impreterivelmente um direito de todo cidadão brasileiro e está na diversidade a riqueza da verdadeira aprendizagem.

As mudanças no sistema educacional vigente apontam para a necessidade de um novo olhar diante da diversidade humana, no sentido de desmitificar ideias e práticas discriminatórias. Nessa trajetória, a educação é uma etapa que merece um enfoque providencial.

Torna-se fundamental uma formação docente que desenvolva possibilidades de análise, permeadas por redes de apoio que problematizem e acrescentem soluções especificamente voltadas a uma formação escolar qualificada, em que todos sejam incluídos da mesma maneira.

As crianças têm o direito de serem atendidas em suas especificidades e se apresentarem necessidades educacionais especiais, deve ser atendida em espaços qualificados para adquirirem conhecimentos como qualquer outro adolescente ou adulto. A escola comum deverá se adequar às mudanças e se preparar em todos os aspectos, físicos e pedagógicos, para atender devidamente cada aluno em suas singularidades.

Essa constatação e reflexão permite o entendimento sobre a importância da formação docente, das políticas públicas voltadas à inclusão e de todas as ações que apoiem e favoreçam a superação dos desafios entre a teoria e a prática, no âmbito relacionado à luta pela igualdade de direitos e oportunidades de acesso ao conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, S. Síndrome de Asperger ao longo da vida. 2009.

BLEULER, E. Psiquiatria. Rio de Janeiro, Guanabara, Koogan, 1985.

BRAGA, Tânia Moron Saes. As deficiências e as Necessidades Educacionais especiais. Marília-SP, 2007.p.31-41

BRAGA, Tânia Moron Saes. As deficiências e as Necessidades Educacionais especiais. Marília-SP, 2007.p.31-41

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ampliação do ensino fundamental para nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF: 2007. Relatório.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Ensino de 1° a 4° série.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos do contato afetivo In ROCHA, P. (org.) Autismos, São Paulo, Escuta, 1997.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, n. 1, p. 3-11, 2006.

OLIVEIRA, E. et al. Análise das mediações ocorridas a partir da aplicação de um programa de atividades psicomotoras de caráter lúdico-recreativo em crianças autistas, 2012.

ORRÚ, S. Síndrome de Asperger: aspectos científicos e educacionais, 2012.

SILVA, M. MULICK, J. Fundamental Aspects and Practical Considerations Diagnosticando el Trastorno Autista: Aspectos Fundamentales y Consideraciones Prácticas. Psicologia Ciência e Profissão, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

PERRENOUD, P. Novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SCHWARTZMAN, J. et al. Autismo Infantil. São Paulo: Memnon, 1995.

TEIXEIRA, P. Síndrome de Asperger. Psicologia. Portal dos Psicólogos, 2005.

VIGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.